

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Director — ABEL MONTEIRO



Redacção e Administração: Praça da República, N.º 2 — NISA

LIVINGSTON

persistência e o génio é em feito os santos e os heróis, através de todas as épocas, os autores das maiores obras da Humanidade, quer em campos de batalha, quer na vida, quer nas preces dos santos.

David Livingstone que há de um século nasceu num humilde berço de Blantyre, na África do Sul, a Justiça que seja condecorado nessa mais alta categoria.

uma personalidade esteve muito tempo envolto num mistério. Foram as próprias aventuras, por terras sem fim da África, que lhe deram uma fama de mágica figuração, tidas como um simples prodígio de rios.

o imortal viajante a noção idêntica à que o homem lhe atribuiu, apagando a vida involuntariamente, obra e a sua personalidade.

n'est pas en vain qu'on a bercé sa petite enfance de contes de fées. Il marche à son rêve, d'une étape à l'autre, à travers le continent noir. C'est pour l'atteindre qu'il franchit ruis, marigots, rivières et fleuves, c'est pour l'atteindre qu'il abaisse le soleil et claqué des dents sous la démentielle pluie dont les larges rafales le glaçant. C'est pour l'atteindre qu'il brave les marchands d'esclaves e les naturels, dont la fourberie met si souvent sa patience à l'épreuve.

É ele, por isso mesmo, um dos maiores precursores do Império Britânico, mostrando-se sempre infatigável no progressivo trilho da Humanidade, em que se traduz a civilização. E assim a Inglaterra tem nele o mais belo exemplo da sua forma de ser, do seu caracter nacional Livingstone passa de Kolobenga Halahari, ao lago Ngami, a Tchobé, a Linlanti e ao Zambeze.

No entanto a série das suas grandes viagens, inicia-se quando atravessa Angola, por São Paulo de Luanda e se dirige depois a Victoria e Quellmane, ao Chire, ao Chirua, ao Niassa, na mesma época em que Speke atinge os lagos Tanganica e Victoria.

Mais tarde, descobre o Banguela, o Lupula, o Mero e o Lulaba, estudando as origens do Nilo.

Quatro anos sem que dele houvesse noticias, encontra-se com Satanley, enviado em sua procura e realiza o contorno do Tanganica e esclarece o erro dum das nascentes do Nilo.

Durante seis lustros, este extraordinário viajante de aventuras reais que é David Livingstone, enérgico e humano, valente e herói, exerce o sublime apostolado de mostrar às populações negras, no estado selvagem, a luz maravilhosa da civilização.

Ei hoje a sua Pátria que é tanto honrou, dá-lhe a honra de dormir o sono eterno, sob as abóbadas maravilhosas de Westminster. Há toda a conveniência de trazer até ao conhecimento público estas figuras grandiosas do passado, pioneiros dum mundo melhor, gigantes do Universo.

ABEL MONTEIRO

Gazetilha

Na «Porta de Montalvão», mesmo junto da cadeia, surgiu medonha «alcateia» de «calminhas», em profusão: Um terrível matulão, comprida face brandindo, põe todo o povo fugindo. Muita gente se consome de terror pelo «lobisome» que, em Nisa, de nós vai rindo.

SUMATRA DE LEMOS

OUTONO...

A natureza chora.— Desperta preguiçosa nos braços da manhã dominada pelo nevoeiro.

E' o outono!... — Já se recolheram os passarinhos na monotonia do silêncio. Raras flores pelas varandas osculam um beijo de graça maguada naquêlê conjunto a respirar tristeza.

Tudo morre, tudo vacila no primeiro contacto das chuvas —

—Abalam as andorinhas começam a pingar os telhados e os campos enverdecem!

Abrem-se a medo os portigos, corre uma ninhada de pintos a debicar na rua e logo após a vassoirinha de giesta bem ageitada esmora a sozinha da porta entreaberta.

—Acordam as crianças, gemem os gados e os carros de trabalho, ouvem-se «bons dias» e pregões por entre o rufar das taroncas na húmida calçada.

Passam pastores de cajado em punho, esbucando os seus sessenta invernos sob o gibão enorme de pele de ovelha e assomam tímidos às janelas rostos de moças e vasos de flores.

Sente-se no ambiente um outro gorgear da Natureza, cantando em tudo a emoção do sonho e a voz do pegureiro. Pelo ar cinzento desce uma calma indefinida — a gase sombria da cacimba que se desfaz em poalha alvinente por

Recordar é Viver

P.º JOSÉ RIBEIRINHO

Em 27 de Dezembro de 1908 assistiu Nisa à mais sublime e enternecedora homenagem que se pode prestar à memória de um homem.

Do semanário, portalegrense—A Plebe, de que ao tempo era correspondente o professor José Eigueiredo, recortamos, para que fique arquivado no «Correio de Nisa», o relato de tão significativa demonstração de civismo.

Muitas centenas de pessoas, e entre elas as mais gradas desta vila, consagraram, num preito de comovedora saudade, numa apoteose de alévantada consideração, a vida oficial dum professor primário.

Uma infinidade de gerações, que o Sr. P.º José Ribeirinho educou e instruiu no largo período de 37 anos, celebrou o nome do seu querido mestre na manifestação mais eloquente da sua alta gratidão!

Por quê? A sua campã diz: —foi um benemérito!

Zeloso em extrem no cumprimento dos seus deveres, a sua augusta missão de pedagogo frutificou na ilustração de inúmeras inteligências, concretizou-se na formação de lídimos caracteres que são a honra da nossa terra.

Por vezes dum austera severidade, o grande professor era ao mesmo tempo dum ter-

sobre as coisas.

No relógio da «torre» batem oito horas.

JOÃO GRÁCIO

nura quasi infantil.

Há-de sempre lembrar-nos o dia, de amarga recordação, em que o bom velho se despediu da sua escola!

O Sr. P.º Zé — como nós o tratávamos— depois de nos ter dado a lição, que mal a gente supunha seria a última, quis dizer-nos adeus, quis falar-nos, comunicar-nos que não mais seria o nosso mestre... mas não pôde! As lágrimas, irreprimíveis, jorraram-lhe dos olhos, um arranco de soluços abafou-lhe a voz, e só o peito, que abrigava um coração de santo, e só os olhos, que reflectiam a bondade da sua alma, puderam exprimir-nos o que a boca não pôde dizer!

Nós compreendíamos as suas lágrimas, não era preciso mais! E abrimos-lhe então os nossos pequeninos corações... e a alma sai-nos pelas órbitas desfeita em pranto! Choraram todos, mestre e discípulos, numa comunhão que enternecia, que alanceava!

Era o último dia da sua vida oficial; era o primeiro passo para o cemitério. Aquela existência, costumada a viver entre crianças, não poderia resistir por muito tempo ao isolamento, sem a atmosfera de inocência bulhosa, que a sua alma respirara durante 37 anos.

E assim foi. Quatro anos depois de aposentado, extinguia-se a luz daquele espírito superior, deixava de pulsar o coração do benemérito. Finar-se entre os carinhos da família que estremecera, deixando

Conclue na página 2

POENTES NO DOURO

Pelo Eng. PEREZ DURÃO

Poente de maravilha! Frizo de oiro nimbado pela luz no azonglar do dia!

Oiro velho de velhas tapeçarias, oiro velho de vestes prelaçadas embaçado pelo passar dos séculos!

Poentes no Douro! num abraço com o mar imenso, a contar as ondas o mistério da vida...

No murmúrio das fragas onde apertado vem beijar o Pôrto, padrão de outrora, o rio encontra, como triunfal diadema das regiões edênicas que banhou correnço, o vetusto burgo.

Enebriado ainda pela pujante vida que, em carícias loucas e bacanais sem fim, o vem estreitando, e pelas fecundíssimas margens que são braços amantes em delírio de amor, retrai agora seu cántico de sabor pagão. Esconde a face ao encarar o venerável burgo e osculando respeitoso os medievos bairros, nesta tarde doira-

da, neste final do dia, olha contrito a mole granítica, padrão imorredoiro das eras em que bispos-senhores, antes dos reis, criavam já neste povo a certeza do futuro da Raça.

E na escharpa que até o rio vem descendo, as pedras falam ainda a linguagem mística dos mareantes de Henrique — O do Mar—e as figuras, surgindo no molrejar da vida, são retratos vivos dos Países do Infante.

Temos no ouvido o gemer do mar... e o choro das mulheres pelos que não voltam mais das africanas costas e das longinquas Índias...

Os homens vão tecendo as rédes como seus irmãos de antanho teceram, com sacrifícios e dôres, com a vida, o Império enorme do Portugal de Quinhentos!

E ao encontrar o mar o rio agora, ao hino pagão da natureza ubérrima que envolveu seu corpo, junta o clangor mais

forte do poder da raça e os suas vezes cánticos da Fé na Cruz. Ao desmair no amplexo—fimmurmura ainda:—mar imenso, mar todo nosso, como sou feliz ao morrer assim... deixei vida nos campos férteis e de seivas fortes e vim trazer ao burgo a saída ao mar das naus de Ceuta, das naus da Índia...

Ao morrer então, o sol que é vida, no cair da tarde, como bençãos de Deus espalhadas sobre a terra, beija as águas e faz surgir numa alegoria triunfal em sonhos de epopeia, ante o nosso olhar estasiado o a nossa alma em prece, as vergas dos navios e as figuras robustas dos homens do Mar.

Os poentes no Douro trazem ao nosso espírito, por vezes abatido pelo desânimo, a fé no valor da Raça e a esperança de um futuro sempre melhor.

Pôrto, Dezembro, 1945.

ANTOLOGIA

SOLENEMENTE

Por HERMES FONTES

Juro por tudo quanto é jura... Juro,
por mim... por ti... por nós... por Jesus Cristo,
—que hei de esquecer-te!... Vê-me: estou seguro
contra o teu Sólito, a cuja queda assisto.

E, visto que duvidas tanto, visto
que ris do que, solene, te asseguro,
juro mais: pelo Ser em que consisto!
Por men Passado! pelo meu Futuro!

Juro pela Mãe-Virgem concebida!
pelas venturas de que vou no enalço!
por minha vida!... pela tua vida!

Juro, por tudo que mais amo e exalço! ...
...E, depois duma jura tão comprida,
juro... juro que estou... jurando falso...

Recordar é viver!

Conclusão

atrás de si um rasto de luz que
esclareceu muitas gerações.

Uma comissão composta
dos Srs. P.º Joaquim Paralta,
José C. Frade, Emílio Carita,
Fernando Matutino e Joaquim
Maria da Piedade, angariara a
receita necessária para levar a
efeito a afixação de duas lápides
— uma na sepultura, outra
na casa onde residiu o ilustre
professor — e de duas placas que
dariam à Rua da Devesa o nome
de Rua do Professor P.º Ri-
beirinho.

O descerramento das lápides
e placas foi revestido da
maior solenidade.

Às 11 horas da manhã, os
professores e alunos da escola
masculina, a Câmara, funciona-
lismo, a filarmónica nisenense e
muito povo dirigiram-se ao cemitério,
em cuja capela o Sr.
P.º José Dinis Figueiredo celebrou
missa por alma do saudoso
pedagogo. Em seguida, junto
da lápide tumular, falaram o
Sr. P.º Joaquim Paralta, Cônego
José de Oliveira, sobrinho
do benemérito, e o Sr. Dr. Mário
Monteiro, presidente da Câmara.
Após estes discursos, desfilaram
as crianças da escola por diante
da sepultura, organizando-se então
um luzido cortejo em direcção à
Rua da Devesa.

Depois do descerramento
das placas nos extremos desta
artéria, fez-se o da lápide na
casa da residência. Toda a assistência
se descobriu e a filarmónica
executou o hino nacional.

De uma das janelas do edifício
falaram novamente o Sr. P.º
Paralta e o Sr. P.º José Biscaia,
que, depois de lembrar o seu
saudoso mestre em palavras
de muita comoção, abraçou
o Sr. Cônego José de Oliveira
como seu representante.

Usou ainda da palavra o Sr.
Dr. Mário Monteiro, que aproveitou
a oportunidade para dar ao povo
uma conceituosa lição de moral.
Disse S. Ex.º que, pela sua
comprovada aptidão, era muito
digno daquele preito de reconhecimento
do ilustre pro-

fessor; mas que a maior honra
que o povo podia tributar à sua
memória, era não esquecer os
seus conselhos, cumprir os seus
ensinamentos, encaminhando
cada um a sua conduta numa
orientação de civilização e progresso;
que era necessário educar
os filhos incutindo-lhes na alma
o respeito pelos superiores e
pelas leis, de modo a não
cometerem, como frequentemente,
toda a sorte de tropelias e
desacatos.

Em outras considerações se
espraiou S. Ex.º, todas tendentes
ao fim edificador e prático,
que o auditório reconheceu e
muito apreciou.

Finalmente o Sr. Cônego
Oliveira agradece, mais uma
vez, num primoroso discurso,
a grandiosa homenagem prestada
à memória de seu tio.

E com a melhor impressão
em todos os espíritos terminou
esta imponente manifestação de
reconhecimento de toda uma
população pelo trabalho profícuo
e persistente do seu mestre
de 37 anos.

Arrolamento Geral de Gados e Animais de capoeira

A Direcção Geral dos Serviços
Pecuários vai realizar o V Arrolamento
Geral de Gados e Animais de Capoeira,
referido à meia noite de 31 de Dezembro
corrente.

Os inquéritos desta natureza
revestem sempre grande interesse,
visto que, informando-nos da
disponibilidade do País em gados,
permitem não só conhecer até onde
as suas produções podem cobrir as
necessidades do consumo interno,
como até surpreender a existência
do excedente que convenha colocar
nos mercados exteriores.

Espera-se que alavouira bem
compreenda o interesse deste
arrolamento, e corresponda, com
o escriptuloso manifesto dos seus
gados, às intenções que determinam
a sua realização.

Os impressos para este manifesto
deverão ser pedidos aos regedores
de freguesia, que os fornecerão
gratuitamente, e desenvolvidos à
mesma autoridade,

Caixa do «Correio»

Sr. Joaquim Carita Guerra—
Maravilha. Muito grato pelo seu
postal. Fique informado; tudo na
ordem até ao mês de Julho de 1946.
E sempre às ordens, para todos os
esclarecimentos que desejar.

X—Tribuna Ilir.—Alguns: Agradecemos «ex-corde» a última
carta. Não há «furos» no «negócio»;
nem «saciedade» na «sociedade». Existe
apenas a «necessitas videndi». Isto é:
estarmos sempre de «vista apurada»,
não seja o caso dos «gorilas» da «mã»
desembarcaem na praia e darem
assu» ao assalto.

«La nuit porte conseil»... A propósito:
a dama do comboio que o levou a
recordar os versos do Dr. Ribeiro Couto,
não tornou a aparecer? A «Tribuna»
veio tão atrasada...

Encantados com a letra «garrafal»;
é quasi um página do «Paleógrafo»...

Regressaram os «poetas épicos» e...
consequentemente, apareceu a «Arte
Poética».

Mande sempre: «Amicus certus,
in re incerta, cernitur».

Sr. João Tavares Grácio—Castelo
Branco:—O «Correio de Nisa» honra-se
com a sua colaboração, com as ambições
elevadas do seu espírito requintado.
Por isto, mande sempre no «Correio de
Nisa».

Quem Canta...

Quem tem pinheiros tem pinhas,
quem tem pinhas tem pinhões...
quem tem amor tem zelo,
quem tem zelo tem paixão.

A amora nasce da silva,
a silva nasce do chão;
a vista nasce dos olhos,
o amor do coração.

Velhos Dizeres

Janeiro fora, uma hora; quem
bem contar, hora e meia ha-de
achar.

O luar de Janeiro não tem
parceiro: lá virá o de Agosto
que lhe dará no rosto.

de 1 a 15 de Janeiro, depois de
devidamente preencidos e assinados.

A falta de declaração ou o
seu falseamento é punido, nos
termos da lei, com as seguintes
multas: 20\$00 por cabeça de gado
grosso; 5\$00 por cada cabeça de
gado miúdo; e 1\$00 por cabeça
de animal de capoeira.

Com o objectivo único de evitar
que vãos receios possam levar
alguém a deixar de manifestar
animais que possua, desde já se
esclarece que as declarações de
manifesto são, por lei, estritamente
confidenciais, não podendo, por
isso servir de base para quaisquer
efeitos tributários.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA»
FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

O Bairro Operário em Nisa

O Problema

Uma das condições de melhoria da
situação das classes operárias é o
fornecimento de alojamentos baratos,
convenientemente espaçosos,
confortáveis, arejados e higiénicos.

A promiscuidade e a falta de
higiene em que vivem muitas
famílias proletárias, tanto agrícolas,
nas vilas e aldeias, como industriais,
nos grandes aglomerados urbanos,
torna precária a saúde e a moralidade
dessas famílias.

E' este um dos aspectos da
questão social que, por motivos de
justiça e humanidade, mais urge
resolver ou, pelo menos, atenuar
nos seus perniciosos efeitos.

Em muitas terras do País nas
quais o progresso é uma forte
realidade sempre em marcha,
se tem procurado solucionar o
problema pela criação dos bairros
operários, uns de iniciativa
particular, mas a maior parte por
obra das respectivas

autorquias locais.

Actualmente o Estado deseja,
sempre louvável bem servir a Nação e
para as classes populares, dá todas as
condições e considerável para a
realização de empreendimentos.

Adaptadas aos costumes e
necessidades da vida das moradias
desses bairros que modestas, reu-
nem mínimo de condições higié-
nicas para, com uma módica,
perfeitamente das possibilidades
económicas do operário, este e sua
viverem num ambiente te,
confortável e higiénico radiais
onde a alegria suave as
dificuldades contingências da
vida nam pelas fatais restrições
orçamento familiar apere

Uma casa acolhedora gre
afasta o operário na e do
jogo, tra-lo ao família nos dias
e horas canço, moralizando a
lar e fortalecendo os laços
tivos da sociedade familiar

Nesta vila a grandeção do
operário agrícola uma casinha
onde possa gar-se e manter as
afides da família que com

Assim, pouco depois samento,
tudo o que, do seu noivado,
é com superfluo para a humilde
seu viver, é vendido nas res
condições possíveis, nando-se
o produto da aquisição duma
moradia.

Há em Nisa, sobre parte da
vila medieval número de
pardieiros condições higiénicas
interdas algumas vezes a
limpeza das respectivas
estão reclamando o demolidor.

Torna-se necessário tu-
las por moradia nham as
condições de habita-mento
indispensáveis para os
humanos que tem de viver
no meio de um de em que
a civilização as suas
exigências e de leis.

Tal substituição de -se
é pode fazer-se pende dum
conjunto tivas e boas
vontades tido.

A questão não é nem
mesmo de multo lução.

De resto (passe porque
o Camilo lha de bom
português), as dificuldades
para que sabe querer.

Em outro número
nal veremos a for-
ver em Nisa este problema
social.

A amplitude da falta
de espaço que hoje se
trate do assunto.

DIAS

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA»,
QUE EM TODO O

Lingua Pátria

SEMATOLOGIA

Pelo Dr. Garvalho Costa

Cavaleiro—Do lat. pop. *caballarius*,
significa etimologicamente o
homem que anda a cavalo. Com a
instituição medieval das ordens
de cavalaria e do grau de
cavaleiro, que dava foros de
nobreza, e só era conferido
depois de comandados actos de
valor e lealdade, passou, sob a
forma de *cavaleiro*, a significar
homem reconhecido por suas
acções como digno e brioso. A
forma *Cavaleiro* no lado de
cavaleiro faz supor a existência
no latim popular de duas formas
divergentes da mesma palavra—
caballarius e *cabaliarius* (Cfr.
A. G. Ribeiro de Vasconcelos,
*Gramática Histórica da Língua
Portuguesa*, Coimbra, 1900, pág.
89, e o Vol. das minhas *Reflexões
Etimológicas*, pág. 51).

—Conde—Na sua origem isto
é, segundo o seu étimo significa
o que vai junto com (lat. *comes*,
comitis), e hoje todos sabemos
que se emprega para designar
o título nobiliárquico entre
visconde e marquês (Vid. o Vol.
I das minhas *Reflexões Etimológicas*,
pág. 20).

—Condestável—Vei-nos de
comitem-stabuli condestabuli
condestável que significa original-
mente *conde* ou *chefe de erlro-
baria (stabulus)*. De chefe das
cavaliarias reais passou a designar
o chefe do exército nos tempos
antigos (Cfr. Eduardo Carlos
Pereira, *Gramática Histórica*,
pág. 264, e a 2ª edição do Vol.
I das minhas *Reflexões Etimológicas*,
a sair).

(Continua)

Anúncios—1800 cada linha, segundo o linômetro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—\$50. Números atrazados: 1\$00. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26\$00 continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portos. Não se restituem grêmios que sejam ou não publicados. — Toda a colação para o jornal é solicitada.

S. R. Câmara Municipal de Nisa Recenseamento Eleitoral EDITAL

António Luiz Alvares Nunes, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Nisa:

Faz saber, nos termos e para os efeitos do artigo 10.º do Decreto-lei n.º 35 426, de 31 de Dezembro de 1945, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1946, terão início em 10 de Janeiro corrente e terminarão em 15 de Março próximo futuro, podendo inscrever-se:

1.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre a aplicação de capitais;

3.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- a) — curso geral dos liceus;
- b) — curso do magistério primário;
- c) — curso das escolas de belas artes;
- d) — cursos do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e) — cursos dos institutos industriais e comerciais.

Exceptua-se do disposto neste número a mulher casada que não esteja judicialmente separada de pessoa e bens e cujo marido possua capacidade eleitoral.

4.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas no n.º 2.º

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras, com reconhecida idoneidade moral, que vivam inteiramente sobre si.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

- a) — Pela exibição de diploma de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;
- b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;
- c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;
- d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o artigo 13.º, do citado decreto-lei.

A prova do pagamento referido nos N.ºs 2.º e 4.º faz-se:

- a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;
 - b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.
- Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no N.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou a pública-forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a), ou pela declaração respectiva nos

Um cartão de Boas-Festas

O conhecido poeta, Sr. João Maria Ferreira, tem a gentileza de nos saudar, exprimindo os seus votos dum novo ano próspero.

Agradecemos sensibilizados e retribuimos tão cordiais saudações.

Doutor Tavares Machado

Para Li-bon, onde foi colocado como Juiz da Tutela da Infância, partiu há dias o Ex.º Sr. Doutor Joaquim Tavares Machado, com sua Ex.ª esposa.

Os nossos respeitosos cumprimentos e desejos das maiores prosperidades.

Casamento

Realizou-se em Casével, no dia 2 de Janeiro, o casamento matrimonial de D. Helena Cordeiro de Moraes, filha gentil da Ex.ª D. Berta Durão Cordeiro Moura Ramos e do seu marido assinante e amigo, D. Manuel Godinho de Moura, com o Sr. Dr. João Capadinho, médico interno do Hospital, filho da Ex.ª D. Dalinda Mimosinha e do Sr. Carlos Guedes Tapadinho, de Finanças em Leiria.

Superiormente dirimido pelo Ex.º Sr. Fernando Perez Durão, noiva, o acto teve características da mais pureza, num ambiente de todas gentilezas.

Aos noivos, que residem na Capital, um futuro venturoso.

Viscondessa de Sobreira

Tem estado infelicitada a Senhora Viscondessa de Vale da Sobreira, excepcional dotes e em quem os pobres encontram conforto.

O «Correio de Nisa» veneranda Senhora do restabelecimento.

Edito

Francisco Peliquito, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Nisa:

Faço público, nos termos do § 1.º do artigo 339.º do Código Administrativo que as eleições ordinárias da Câmara Municipal de Nisa se realizam nas 4.ªs feiras de cada mês, na sala das sessões, Paços do Concelho, por deliberação da Comissão Executiva de 2 do mês anterior.

Para constar, o Sr. Peliquito lavrou o presente Edital e outros do teor que vão anexados nos Paços do Concelho.

E eu, António Luiz Alvares Nunes, Chefe da Secretaria Municipal o subscrisse nos Paços do Concelho de Nisa, em 5 de Janeiro de 1946.

O PRESIDENTE

Francisco Peliquito

EDITAL

Francisco Mourato Peliquito, Presidente da Câmara Municipal do concelho de Nisa:

—Faz público, em execução do deliberado na sessão desta Câmara Municipal realizada em 13 de Setembro de 1945, e nos termos do número um do artigo 14 do Código de Posturas em vigor, que são obrigados os possuidores dos prédios sitos nas vilas de Nisa, Alpalhão, Amieira, Arez, Montalvão e Tolosa e confinantes com a via pública, a mandá-los cair até ao fim do próximo mês de Maio sob pena de multa de 25\$00 nos termos da alínea c) do art.º 40.º do referido Código de Posturas.

E para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser devidamente afixados nos lugares mais públicos e de costume.

Nisa e Secretaria da Câmara Municipal, 8 de Janeiro de 1946.

O PRESIDENTE

FRANCISCO MOURATO PELIQUITO

mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no artigo 13.º, do citado decreto-lei

Não podem ser eleitores:

- 1.º—Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;
- 2.º—Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;
- 3.º—Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;
- 4.º—Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;
- 5.º—Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;
- 6.º—Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de dois anos;
- 7.º—Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social.

Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição no recenseamento ao Presidente da Comissão Recensadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Quaisquer esclarecimentos relativos à inscrição podem ser solicitados na Secretaria da Câmara Municipal em todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, ou às Comissões de Freguesia, durante as horas normais de serviço.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em dois jornais deste Concelho.

Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Nisa, 5 de Janeiro de 1946.

a) António Luiz Alvares Nunes